



Keretxu, única cacique mulher do Estado, assumiu a liderança da tribo há sete anos e afirma que sente orgulho

# Índios lutam para preservar cultura

MARICI CAPITELLI

Parece que o tempo parou. Essa é a sensação que se tem ao chegar na reserva indígena Pico do Jaraguá, Zona Oeste, onde moram 10 índios da etnia Guarani e outros 25 descendentes. Apesar de aculturados e vivendo em condições miseráveis, eles tentam manter as raízes: tratam-se pelos nomes indígenas e todo o final de tarde, no por do sol, unem-se na *Opyi* (casa escolhida), para que *Tupaianhanderu* (Deus Pai) dê a boa sorte e eles possam encontrar a Terra Sem Males, que, na avaliação deles, é um lugar que existe próximo ao sol. Essa é uma das tribos que estará participando do I Campeonato Estadual de Futebol (Intertribol) que começa amanhã e vai até o dia 23 e que reunirá 300 índios de cinco etnias de todo o Estado.

Os índios não se consideram vivendo numa tribo. Preferem falar em reserva. A diferença é porque a tribo ocupa um espaço físico maior e a terra é produtiva. "Aqui todo mundo tem de trabalhar como branco e não pode viver da terra", lamentou *Karay Mirin*, que também leva o nome Isac Martins, de 33 anos. A reserva indígena, que existe há 30 anos, é um pedaço de terra do Governo Federal. As cabanas dos índios já não existem e foram substituídas por miseráveis construções de alvenaria e tábuas que não têm água ou iluminação.

Mas a miserável tribo tem um trunfo: a única cacique mulher do Estado, onde moram dois mil índios. Alguns garantem que é a única do País. A cacique *Keretxu*, Jandira Augusto Vinícius, de 63 anos, teve de assumir o cargo há sete, quando o marido, que era cacique geral, morreu. "Sinto orgulho de ser a única mulher a ocupar esse posto. É uma função difícil", disse. Dentre as obrigações de uma cacique estão zelar pela paz da tribo, dar conselhos aos mais jovens e resolver problemas, mas tem o respeito da comunidade. O marido dela, *Kwaray*, Joaquim Martins, morreu aos 92. Ele chegou ao Estado com 7 anos, trazido pelo marechal Rondon do Interior do Rio Grande do Sul.

Em meio a crianças nuas ou maltrapilhas, desnutridas, e às dificuldades com a sobrevivência, os índios lutam para manter a tradição. "Fazemos as orações todos os dias", disse *Karay Mirin*. O grupo é fiel à religião *Anhemogaraí*, que prega o encontro de um lugar perfeito para se viver. "A nossa luta é conseguir montar uma escola bilingue para as crianças, onde eles possam aprender o guarani e o português", ressaltou. Sem saber a qual identidade pertencem, as crianças dançam o *Xondaro*, uma espécie de gingado.



Para manter tradição, crianças dançam *Xondaro*, uma espécie de gingado

## Polidor vai morar na reserva

O cacique pode ter mais de uma mulher na tribo. O pai da cacique *Keretxu* teve cinco mulheres. "Só com a minha mãe teve 10 filhos", lembra a cacique. Uma das grandes frustrações dela é não encontrar ervas no mato para fazer remédios e curar os doentes da sua tribo. "Temos de recorrer mesmo aos hospitais", contou.

Embora seja uma índia legítima, com pele queimada de sol e longos cabelos negros, *Lídia de Paula Santos*, de 26, garantiu que abandonaria a tribo, caso se apaixonasse por um branco. Ela é viúva e tem quatro filhos — de 9, 7, 5 e 2 anos. As crianças não receberam nomes indígenas. "Não me sinto muito índia", ressaltou *Lídia*.

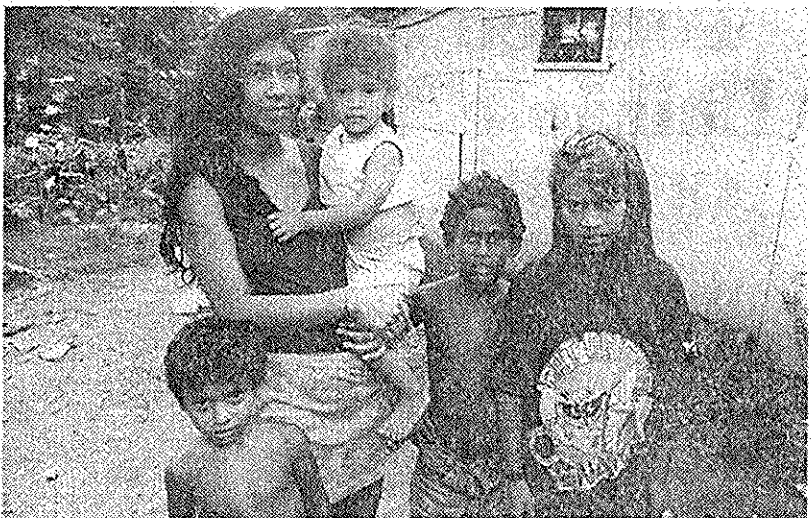
Ele não era índio, mas virou. O polidor *Flávio Elias de Oliveira*, de 30, se apaixonou por uma índia da tribo, recém-separada de um índio e que tinha quatro filhos. Ele não teve dúvida: foi viver na reserva. "A minha família estranhou, mas hoje ela é a nora de quem a minha

mãe mais gosta." A única dificuldade foi com relação à alimentação. "Comem muito peixe e quase não usam tempero".

### JOGOS

O Intertribol será marcado por vários jogos de futebol. Disputam o campeonato 17 equipes de cinco etnias que vivem no Estado de São Paulo. O evento é organizado pelas secretarias estaduais de Cultura e Esportes e de Turismo. A principal dificuldade para trazer os nativos foi a falta de patrocínio para o transporte.

Durante os jogos, os atletas trocarão experiências e festejarão com danças típicas. Os índios também lançarão CD gravado por representantes das tribos *Guaranimbiá* e *Terena* para preservar a música típica. Os índios vão produzir texto relatando a situação dos povos nativos no Estado de São Paulo. O evento é organizado pelas secretarias estaduais de Cultura e Esportes e de Turismo. A principal dificuldade para trazer os nativos foi a falta de patrocínio para o transporte.



*Lídia* desdenha raízes e os quatro filhos não receberam nomes indígenas